

## 1. INTRODUÇÃO

A economia internacional deu sinais de desaceleração em relação ao ritmo de crescimento do final de 2017, no entanto, ainda segue alto. O comércio internacional continua se recuperando e os preços de commodities aumentaram após a forte queda entre 2011 e 2016, o que é muito bom para o Brasil.

No caso dos Estados Unidos, a recuperação atual já é a terceira mais longa da história, que se consubstancia em desemprego baixo e salários sob controle.

O silêncio europeu face às mudanças econômicas nesse período de contenda comercial com os EUA pode significar um

aumento de juros, seguindo o que fará o Banco da Inglaterra, devendo acelerar com isto o ajuste da taxa de juros no Brasil.

No Brasil, a grande discussão do pós-Copa é a eleição presidencial, cujo resultado já coloca as entidades de risco político pra trabalhar.

O dólar segue em um patamar bem elevado, o que ajuda na exportação de produtos primários. No longo prazo, essa vantagem se perde devido ao crescimento nos custos, e mesmo travando o preço do dólar, ele ainda incorreria em custos extras para fazer isso.

## 2. PANORAMA INTERNACIONAL

Os Estados Unidos seguem com um bom crescimento, mas apesar dos problemas comerciais, a economia americana segue bem tranquila, com juros mantidos e negociação com o NAFTA ainda acontecendo.

Apesar do medo de que a inflação norte-americana fique acima da meta, comparando-se dados com o ano de 2017 e dados atualizados mostram inflação de 2%, abaixo do centro de inflação que é 2,3%, e é nesse patamar que ele deve terminar no final do ano.

Foram criados 157.000 novos postos de trabalho em julho nos EUA, abaixando ainda mais a taxa de desemprego no país, ficando em 3,9%. O salário horário médio, que é importante para se controlar a inflação, registrou um progresso de apenas 0,26% a US\$27,05.

A taxa de juros americana ainda tende a subir, mas não será agora. Foi anunciado que a taxa não subiria agora, o que reduz bastante a ideia de que haveria overshooting, que seria um aumento acima da taxa de longo-prazo, que está estimada em 3%.

A Europa está próxima do início da redução da compra de ativos pelo Banco Central Europeu, de 30 para 15 bilhões de euros, o que deve levar ao aumento de juros, que não deve acontecer em 2018. Assim, o crescimento possivelmente se reduzirá ainda mais, o que é ruim para o Brasil, visto que a União Europeia é um dos principais parceiros comerciais do país.

Os dados sobre a economia chinesa são os mais esperados, pois os bancos centrais de

vários países asiáticos, como Filipinas e Tailândia, por exemplo, estão com pressão inflacionária forte no momento. As Filipinas devem, inclusive, aumentar a taxa de juros em agosto.

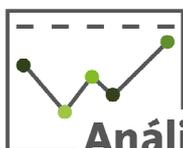
Para a China, há grande expectativa acerca dos efeitos da contenda comercial com os EUA sobre a economia, assim como os efeitos das políticas mais austeras, se é que se pode dizer isso, do país.

O crescimento no Japão se reduziu 0,2% em relação ao semestre anterior, o que é bastante para um país que cresce tão pouco. Isso pode colocar o país novamente em recessão se o terceiro trimestre não apresentar reação. Ironicamente, o crescimento foi tão bom anteriormente que ainda está estimado a ficar acima do que era esperado para 2018.

A Índia está com a demanda doméstica bastante aquecida e deve aumentar ainda mais com as previsões de monções regulares, o que deve injetar bastante dinheiro na economia. O crescimento está em 7,7% em comparação ao mesmo período do ano passado. Isso é bom para os exportadores de açúcar e álcool.

O México segue com muitas incertezas: mesmo com o final das eleições, as políticas econômicas do próximo presidente ainda não são claras, principalmente pela sinalização de que algumas reformas serão abortadas e políticas sociais prometidas colocadas em funcionamento por este.

A economia peruana segue crescendo muito bem, com crescimento estimado no PIB



# Macroeconomia

JULHO DE 2018

de 3,5% em 2018, segundo o Scotiabank. O país está protegido diretamente da guerra comercial, pois não comercializa aço, mas a diminuição do crescimento global deve reduzir a demanda por outros metais, e nesse caso o Peru seria prejudicado.

Já o petróleo segue disparado, atingindo patamares superiores a US\$80 o barril, vez que o crescimento global está gerando um aumento da demanda por energia. Com a anúncio de que

a OPEP vai aumentar a produção, espera-se que os preços recuem um pouco.

As commodities agrícolas continuam em trajetória de alta. Segundo o Banco Central, através do IC-BR, as commodities agrícolas tiveram um breve recuo de 0,24% em relação ao mês passado. Apesar disso, a valorização é de 12,29% no semestre.

### 3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 10 de agosto, o crescimento do PIB deve ficar em 1,49%, reduzindo-se mais uma vez. A atividade industrial também teve sua previsão revista para baixo, sendo o principal fator para essa redução.

O IBC-Br, que funciona como uma prévia do PIB, subiu 3,29% em junho em comparação a maio, na série com ajuste sazonal. No segundo trimestre, o indicador acumulado recuou 0,99%, impactado pela greve dos caminhoneiros.

Ainda segundo esse relatório, a inflação esperada para 2018 subiu, sendo prevista em 4,15%, pois o aumento do IPCA ficou em 0,33% em julho, sendo uma alta bem tímida. Esse aumento foi puxado, principalmente, pelos aumentos nos preços das passagens aéreas e reajustes na energia elétrica,

O Banco Central manteve as taxas de juros em 6,5% ao ano após a última reunião do Copom, devido aos problemas que podem ser gerados pela crise comercial internacional e à falta de reformas.

O desemprego de junho ficou em 12,4%, significando 13 milhões de desempregados. Apesar da melhora nos números, isso se deu principalmente pelo aumento das pessoas fora da força de trabalho, ou seja, que desistiram de procurar emprego.

As commodities foram o destaque de crescimento dos volumes das exportações do Brasil em julho, que tiveram superávit de US\$ 4,2 bilhões. Elas tiveram aumento de 16,5% nos preços e de 21,9% no volume comercializado.

É de se destacar o complexo da soja, que apresentou aumento de 40% em relação ao volume exportado, além de 11% de aumento no seu valor.

As exportações de frangos sofreram problemas ao longo do primeiro semestre, com

queda de 8,2%, destacando-se a diminuição de exportações para o Oriente Médio, devido a novos critérios para o abate. A carne bovina, ao contrário, segue em crescimento e deve bater recordes em 2018.

O dólar iniciou maio cotado a R\$ 3,91 e fechou em quase R\$ 3,76, sendo, ainda, um patamar elevado e favorável ao exportador. Como é um período eleitoral, é muito difícil sinalizar qual será a tendência em agosto.

O PIB do agronegócio, segundo estudos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, deve crescer 3,4% em 2018, bem acima do que é visto para o PIB total, mostrando a importância do agronegócio para a economia brasileira.

O crescimento não é estático, ajudando apenas o fazendeiro e o trabalhador rural, pois há todo um sistema relacionado ao setor agroindustrial. Esse crescimento estimula, por exemplo, demanda por serviços e transporte, além de gerar emprego e renda.

Com toda essa importância para a economia brasileira, deve-se ficar bastante atento para as propostas dos candidatos para esse setor. A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) realizará um encontro com os candidatos à presidência da República, que terão a oportunidade de discutir sobre os problemas do agronegócio brasileiro. O evento será no dia 29 de agosto, com transmissão via internet.

O presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), declarou que a guerra comercial não deve apresentar muitas oportunidades para o Brasil, pois nossa exportação de produtos manufaturados é baixa e o próximo bloco de produtos a ser taxado devem ser os bens manufaturados. Ainda segundo ele, essa tensão pode reduzir o preço das commodities.